

# REVISTA LITTERARIA

PUBLICAÇÃO LITTERARIA, CRITICA E INSTRUCTIVA

CHEFE DA REDACÇÃO: AURELIO DE BITTENCOURT

COLLABORAÇÃO DE DIVERSOS

ANO I

ASSIGNATURA

Num. 8

PARA A CAPITAL: Trimestre 2\$500—PARA FÓRA DA CAPITAL: ANNO 10\$000

## UMA HISTORIA REALISTA

—♦♦♦—

Ella era uma creatura adoravel.

Tinha 34 annos, e a gente, ao vel-a, jurava que apenas vinte vezes o sol da primavera illuminara a sua fronte gentil.

Tinha as attracções poderosas do crime, e as seducções criminosas da belleza prostituida.

De seus olhos, uns olhos grandes, humentes, batmimosos, se escapavão por vezes umas scintillações offuscantes, de raro e extraordinario brilho.

Quando ella passava no meio das multidões, arrastando após si uma enorme cauda, cujos reflexos de seda produzião um ruido incitante e monótono, todos os olhares se lhe cravavão instantes, quebrando-se de encontro ao rigido marmore de sua habitual e simulada indifferença.

Disse uma vez um poeta de uma mulher que

.....Quando ella passava  
No meio das multidões,  
A terra em que ella pisava  
Era um chão de corações.

Pois bem — o terreno em que Adelia pisava quando passava no meio das multidões, não seria exactamente um chão de corações, porque ella não era mulher de fazer-se amar pelo coração; mas podia ser um chão de desejos multiformes, exigentes, imperiosos, fataes, a estrebuchar nas angustias da febre da lubricidade.

Adelia era uma mulher de amar-se com os sentidos...

Sua voz tinha o timbre argentino da moeda de ouro tinindo no marmore de um balcão:

Promovia sensações ignotas nos moços e acordava sensações adormecidas nos velhos.

Nunca amara, dizia.

Tinha um coração cerrado ás doces emoções

da paz domestica, e só sentia prazer na luta desordenada da materia em plena expansão.

Ria de quem chorava, e não chorava nunca.

Sentira passar por sobre a sua cabeça o vento de todas as desgraças e as supportava sempre com a coragem da experiencia e com a resignação de quem nunca conhecera a felicidade.

Fôra impossivel definil-a...

Era um enigma psychologico.

\* \* \*

Elle era um rapaz louro.

20 annos apenas.

Todas as attracções da belleza mascula e todos os esplendores da formosura moral.

Talento e bondade; mixto sublime que lhe acarretava todas as admirações sinceras e todas as invejas despeitadas.

O coração era virgem.

Nunca amara deveras.

Passara pela infancia como a sapatilha de rodas por sobre a face espelhada do gelo.

Adolescente — abrio-se o espirito ás ambições do saber, e a alma ás inspirações da virtude.

Homem — era uma consequencia logica do passado.

Completara-se em perfeita coherencia com os principios sob cujos auspicios se educara.

Fôra criado por um casal de velhos, que se dizião seus pais, e que, sem outros filhos, fizerão delle o ponto convergente de todos os seus cuidados e carinhos.

Um dia morreu o velho de uma apoplexia; tempos depois a velhinha sentira chegada a hora derradeira, e entre lagrimas, mas sem poder fallar despedia-se para sempre de Carlos, manifestando querer dizer-lhe alguma cousa que o estertor da agonia embargava-lhe na garganta

Carlos ficou só e rico.  
Era um rei... pequeno.

\* \* \*

Conhecera Adelia em uma festa popular.  
Amou-a louca e perdidamente.

E ella, que até então de tudo escarnecera,  
sentio tambem por aquelle rapaz louro um não  
sei quê, que não sabia explicar.

Foi para casa.

Ao entrar, desfazendo-se com louco phrenesi  
das joias e dos vestidos, atirou-se para cima de  
um divã, não sabendo a que attribuir o mau  
estar que experimentava.

Era a hora do crepusculo ..

Um raio de sol frouxo, coando-se atravez dos  
reposteiros encarnados da sacada, illuminava de  
uma luz sangrenta o seu rosto pallido.

Tinha os olhos cerrados, em attitude de inco-  
gnita volupia, e atravez da fina cambraia de seu  
corpete se debuxavão os contornos de um seio  
alabastrino, offegante quicá de desejos impuros.

Dormia ?

Não... pensava.

Pensava nelle, e dizia de si para si :

« Quanto mais feliz seria eu se fosse digna do  
seu amor !... se eu fosse honesta e virgem !... »

E chorou.. era a primeira vez, quem sabe ?

E por sua memoria passarão então as scenas  
do passado...

Revio-se ainda criança, com 14 annos apenas,  
bella, disputada, feliz, desejada.

Lembrou-se de um homem bello, moço, rico,  
que a enganara atrozmente, que a deshonrara,  
deixando-lhe um infeliz penhor de illegitimo  
amor, que nunca lhe fôra dado ver nem beijar,  
porque seus pais lh'o arrebatarão antes que ella  
podesse voltar a si...

E um raio de odio implacavel transluzio no  
seu olhar.

Levantou-se, como que envergonhada de  
semelhantes recordações e procurou um espelho  
para recompor-se.

Foi então que o corpete abrindo-se indiscreta-  
mente, deixou ver entre os dois seios uma mancha  
de cabellos negros como a noite.

— E minha filha ou meu filho\* tem talvez  
este mesmo signal ! disse ella, e entristeceu.

Mas, passou-se...

\* \* \*

Havia decerrido alguns dias, durante os qu  
Carlos se occupava em pôr em ordem todos  
papeis de familia.

Entre elles achou um, que era uma ca  
escripta a seu pai, pedindo-lhe para encarreg  
se da educação de uma criança recém-nascida.

A carta trazia indicação de uns certos sign  
particulares, pelos quaes mãe e filha poderião  
dia reconhecer-se.

E Carlos ficara repentinamente triste e pen-  
tivo.

Do meio destas scismas veio despertá-lo  
almiscarado bilhete que dizia assim :

« Carlos.

Amo te : vem...

Adelia. »

\* \* \*

E elle foi...

.....  
Moço, ardoroso, apaixonado, em nada m  
pensou que em entregar-se louco ás delicias  
aquella mulher divina lhe offerecia.

Era de noite...

Uma lampada sombria derramava pela ala  
perfumada uma luz baça e triste, illuminar  
pallidamente o quadro de uma Magdalena an-  
pendida.

Um surdo rumor de vozes, um estalar repet  
de beijos, um concerto de vozes entrecortadas  
ruído de um soluço, o murmurar de um suspir

De repente, dois gritos estridentes, nervos  
profundos, desesperados :

— Meu filho !...

— Minha mãe !...

.....  
Na febre da volupia, na luta do goso  
roupas espedaçavão-se e os amantes, semi-  
deixavão ver entre os seios duas mancha  
cabellos perfeitamente iguaes.

E. DE M.

Rio Grande—1881.

~~~~~

## PLATONISMO

—♦♦♦—

Ao ver-te a fronte casta, illuminada,  
E de teu rosto a matinal frescura  
Cega de amor e louca de ventura  
Minh'alma te adorou fanatisada.

Quando passas na rua,—deslumbrada  
Da luz do teu olhar languida e pura,  
Ella te segue, ó rara formosura,  
Respirando-te a coma perfumada.

E nunca saberás, anjo querido,  
Quanto te adora, quanto por ti sente  
Meu pobre coração enternecido.

Não ouvirás meu labio inconsciente  
Murmurar uma phrase, um som partido  
Das profundezas deste amor ardente.

SILVINO VIDAL.

Rio Grande—1881.

## A MULHER E A SOCIEDADE



A inferioridade domestica e social, a que a mulher apparece durante largos seculos condemnada, não pode explicar-se de outra forma senão admitindo que nos estados progressivos da civilização, a luz que irradia da razão não tem nunca uma intensidade para dissipar inteiramente e de um só rasgo as trevas hereditarias e os preconceitos longamente radicados.

Nas idades primitivas da humanidade todas as rudes instituições, que a moldão e governão, filiam-se na força.

O direito é uma unção tão pura e abstracta que não pode irromper crassos entendimentos, ainda apenas accommodados a elaborar os conceitos mais elementares, derivados do mundo material.

Um bastão ou uma vergonteia é o symbolo do imperio.

Na familia o chefe domina soberano, absoluto, porque é o mais forte, o mais possante e musculoso.

Na sociedade a suprema potestade cabe aquelle que exerce sobre os seus consanguineos da mesma tribu o prestigio da força e do valor.

A mulher, como um mais delicado e menos valido organismo, incumbe-lhe no lar domestico o officio de uma escrava, que só algumas vezes contempla os seus grilhões doirados por uns fugaces reflexos do amor.

A humanidade offerece na sua marcha atravez das idades successivas, um singular e inexplicavel paradoxo

Avança com movimento uniformemente accellendo no mundo das idéas, e caminha com movi-

mento uniforme de lenta velocidade no mundo das instituições.

Nas idéas o seu fito é o futuro; nas instituições a sua predilecção é o passado.

O que uma vez foi é força que seja e haja de ser perpetuamente.

Parece que as idéas passam voando, e que as instituições se vinculão e adunão na propria essencia das sociedades. Por isso existe sempre uma discordancia profundissima entre o que nos intima a boa razão e o que nos está persuadindo o preconceito.

Nestas causas se prende a iniqua desigualdade em que apparecem os dois sexos nas suas relações da familia e da sociedade.

Eis ahi porque a mulher de hoje, ainda nos mais democraticos Estados, apezar de viver em tempos de eminente predominio moral da razão e do direito sobre a força e a tradição, se tem melhorado nas relações do tracto domestico e social, pouco tem adiantado na sua emancipação politica e na sua significação como elemento de influencia legal no destino das nações.

A mulher, perante a lei, que é ainda em muitos casos a expressão da força ou da abusão, não chega bem a ser uma *pessoa*.

E' quasi, não tanto como o escravo na antiguidade, uma *coisa, res*; muitas vezes uma coisa elegante, formosa, attrahente, encantadora embora, mas sempre um termo medio entre uma pessoa moral e um utensilio domestico, uma machinismo natural para que não chegue a realisar-se nunca o sombrio desejo de Schopenhuer, e a terra fique de novo povoada de animaes silvestres e de plantas indomesticas.

Nos lares perfumados de amor e de poesias é coño um formoso passarinho, que vive na gaiola primorosa, acariciado e festejado, para que pague com a sua preciosa liberdade o egoismo do senhor.

Na hyperbolica expressão de seus adoradores, é um anjo que expande as azas lucidas, ethereas, transparentes sobre um ninho de amores e de illusões

Mas eu creio firmemente que a mulher prescindiria facilmente das honras divinas que nós outros lhe consagramos, e que em vez de entrar por extremada adulação nos coros celestiaes e pertencer a uma cohorte de cherubins destacados na terra, teria por mais saboroso accepip das suas ambições o ser mulher, mas deveras a mulher, a mulher do amor e a mulher da intelligencia, a

mulher dos poetas, alyo de formosas alegrias e de insipidos requebros, e a mulher dos homens, igual com elles na dignidade e no officio social, ou, como diríamos alludindo ao antigo adagio portuguez, a *mulher de casa*, mas também a *mulher da praça*; a mulher da casa para annullar a prole e conchegar a familia com a domestica providencia; mas também a mulher da praça, para que o seu pensar tivesse voz nos negocios sociaes que a ella revelão igualmente como aos homens.

A mulher, — digão-no embora philosophos mesquinhos e estadistas ciosos do seu longo monopolio e praguentos educados na escola do preconceito, — a mulher é evidente que não veio ao mundo unicamente para oscillar como um pendulo monotonico entre o amor e o *crochet*, entre a modista e o toucador.

E' pequena amplitude para que se contentem com ella espiritos de tão bom quilate e de tão irrequieta phantasia.

Fação *crochet*, mas attendão aos negocios publicos.

Não desdenhem o amor, mas cultivem o entendimento.

Frequentem a modista, mas não encontrem defesa e cerrada a porta dos comicos.

Enfeitem o cabello ao toucador, mas exornem também o cerebro na escola.

Pois não é absurdo e sobre absurdo, risivel, e além de risivel estolido, que ás mulheres se negue o direito de governar a sua parochia, ainda mais a faculdade de eleger o vereador da aldêa mais safia e sertaneja, e que ao mesmo tempo os homens, esses prozigiosos animaes, que têm o privilegio de entender os céos pela razão, e a negação de se regerem na terra pelo bom senso, acclamem e m vão o imperio de uma mulher?

S. Thereza de Jesus, ou Madame Sevigné, as eminentes escriptoras, nunca poderiam sem escandalo e sacrilegio exercer o emprego de escrivão de juiz de paz.

Mas a rainha Victoria, imperatriz das Indias, pode entre o desenrolar os paperotes e o ler com a sua devoção proverbial um livro mystico do Dr. Pusey, reger, tendo por accessor a Gladstone Disraeli, os destinos de duzentos milhões de seus subditos, encantados e felizes de terem por seu chefe uma mulher; uma mulher, que os philosophos e estadistas declarão ser, além dos estreitos horisontes do amor, do rol da roupa e do *crochet*, uma perfeita inutilidade do mundo sublunar.

J. M. LATINO COELHO.

## PAGINA SOLTA



Fui visitar um dia a arruinada ermida...  
O sol inda beijava o solitario monte;  
Vinha caindo a tarde, e a luz esmorecida  
Sumia-se com o sol nas dobras do horisonte.

Nas balsas do arvoredado o vento erguia um canto  
Um perfume subtil das flores se exhalava;  
E como do passado um infantil encanto,  
As montanhas azues, ao longe, se avistava...

Eu caminhava triste e pensativo e mudo,  
Erguendo para o céu remoto os olhos meus;  
E assim pensava em ti, ó minha mãe! e em tudo  
Que me falla de ti e dos carinhos teus.

Nos ramos do ingaseiro, alegres andorinhas,  
— Aves da primavera, um hymno solfejão;  
Amei o balbuciar das pobres avesinhas,  
Que um canto festival á natureza enviavão.

E sol e prado e monte e flores e avesinhas,  
E as montanhas azues e o céu e a doce luz,  
Parecião sorrir dessas saudades minhas  
Como outr ora os judeus das creanças de Jesus!

Então eu exclamei: « Lembranças do passado  
« Em que mar de tristeza afoga-se minh'alma?  
« Dizei-me, céos e terra! ó valle perfumado!  
« Aura macia e branda a minha dor acalma.»

Assim pensava em ti, ó minha mãe! e em tudo  
Que me falla de ti e dos carinhos teus;  
E caminhava triste e concentrado e mudo  
Erguendo para o céu remoto os olhos meus!...

\* \* \*

Eil-o! o templo aqui se ergue solitario  
Como a palmeira esguia em arido deserto:  
Uma restea de luz lhe doutra o campanario,  
A verdeh era abraça-o em fraternal aperto.

A mão fatal do tempo, ó minha pobre ermida  
De negro ja cobrio teu muro tão singelo;  
Mas inda assim minh'alma, errante e foragida,  
A' ti se curva humilde em celico desvelo.

Entremos. Que silencio! Que paz consoladora!  
O aroma da innocencia aqui se aspira, eu creio.  
O' minha doce lyra!... ó lyra gemedora!  
Canta... soluça... e geme... nesse tão doce enleio.

Aqui o crucifixo — o Christo sobre a cruz;  
 Ah, sobre o altar, o gothico missal;  
 E além, em canto escuro, como um Jordão de luz,  
 Te vês, modesta e boa, a pia baptismal!

Adiante, mais adiante, um quadro sem moldura,  
 Representa a tragedia enorme do calvario;  
 E nos pés do Salvador — a Magdalena pura —  
 Bebia, soluçando, dos prantos o rosario!

\* \* \*

Quando sahi do templo, o sol ja não brilhava,  
 A noite se estendera immensa e silenciosa;  
 E a lua no oriente, divina se mostrava,  
 Beirando o dorso frio da vaga marulhosa.

Além no firmamento, a nebulosa abria  
 Ao pensamento meu infindo e vasto trilho,  
 E o mar, sereno e bom, tranquillo reflectia  
 Do céu—o puro azul, da estrella—o mago brilho!

TIMOTHEO DE FARIA.

Carto Alegre — 1881.

## SAUDADE

Ella senta-se á hora melancolica da tarde, ao  
 mesmo lado e tem cantos suaves e puros, vozes  
 melodicase santas, que infiltrão-se n alma como  
 no ambiente o aroma das flores, nas aguas soce-  
 gadas de um lago o raio silencioso e morno do  
 luar.

E nessa hora em que ella vem pousar ao nosso  
 lado, nossas almas são placidas como os lagos  
 serenos, quietas e calmas.

Com a magia de Satan, que do alto da mon-  
 tanha mostrava ao Nazareno os thesouros do  
 mundo infinito, ella desyenda a nossos olhos a  
 região meiga e doce das recordações suaves, os  
 paizes remotos do passado, envolto nos vapores  
 de um luar avelludado e ceruleo.

— Foi aqui que tu nasceste, diz ella; eis ali a  
 casinha, a sala, o quarto, o berço, que acolherão  
 o teu primeiro momento.

E os sitios amenos pelos quaes se desenrolou  
 a nossa infancia, mostrão-se envolvidos no clarão  
 doce e puro de uma dourada alvorada.

— Aquella sombra que ali vês, continúa ella,  
 sabes quem seja?

E pallida como as rosas, quieta e calma como  
 uma appareição que baixa lenta do céu, destaca-se  
 uma mulher formosa do meio das brumas do  
 passado.

Essa mulher foi o nosso primeiro sonho de  
 amor; aquella que realizou para nós o ideal das  
 perfeições infinitas e á qual no coração sagramos  
 a mais pura idolatria.

Sentimos então ainda nos labios em fogo o  
 brando e perfumado osculo dos labios della;  
 queimamos então o primeiro beijo furtivo e a  
 medo; murmura então a nossos ouvidos a pri-  
 meira falla adoravel que a paixão proferio outr'-  
 ora.

— Olha agora para este lado, diz ella ainda,  
 vês aquelle grupo?

E' um bando de crianças louras, travessas  
 como borboletas douradas, alvas como lyrios,  
 coradas como as auroras: folgão, cantão e riem.

São elles, bem vejo, são os meus doudos  
 irmãosinhos

E a minha infancia inteira, como um diluvio  
 de rosas, como uma torrente de aromas, inunda  
 minha alma que se afoga nesse oceano luminoso  
 de flores e perfumes.

Quem és tu? quem és, que invocas o passado  
 inteiro, penetras os reconditos arcanos da memo-  
 ria e de la arrancas tudo quanto ahí sepultou o  
 tempo?

— Quem sou? Fui eu quem surgio ao lado  
 de Maria quando o meigo e louro irmão dos  
 apóstolos exhalou nos braços da cruz o derradeiro  
 alento. Eu sou aquella que assenta-se ao lado da  
 mulher que pranteia a morte dolorosa do formoso  
 filhinho e faço succeder-se á tempestade dos  
 prantos o iris da consolação; sou eu quem trans-  
 forma as grandes magoas em calma e santa resi-  
 gnação; sou eu quem immortalisa o passado e  
 quem o prende ao presente. Eu sou a SAUDADE.

Era á hora calada do crepusculo da tarde. Ao  
 longe echoava o som pausado e triste do campa-  
 nario distante que tocava o *Ange us*.

Por momentos ouvi ainda aquella voz que  
 me dizia: — saudade!

J. QUADROS

## ALI...

— — —  
Era quasi moça feita,  
Ja passara de menina;  
Era seria, era sisuda,  
Chamavão-na — a boa Nina.

Com ella junto brincara  
Desde pequeno e innocente  
Um primo chamado Mario  
Respeitador e prudente.

Nunca uma rusga surgira,  
Forão sempre como irmãos;  
Andavão por mato e campo  
Sosinhos, presas as mãos.

Os annos forão passando :  
Nubil Mario se tornava,  
Mudava Nina de formas;  
Mas... a amizade durava.

Os pais gosavão delicias  
Ante tamanha affeição;  
Cada qual tinha a confiança  
Que socega o coração.

Chovera um dia até noite.  
A nova aurora foi clara :  
Nina sahira a passeio  
Mario tambem não ficara.

Era Nina bem feitinha,  
Morena, franzina e bella;  
Pisava ligeira o solo  
E tinha pés de gazella.

O velho pai, que costuma  
Pela manhã ir á praia,  
Toma o bordão que o sustenta  
P'ra que na rampa não caia,

Vai pelo atalho mais curto  
Que ao rio pode levar...  
Mas eis que os ramos de um lado  
Ouve com pressa quebrar.

Segue um caminho onde impressos  
Estão os pés de algum homem;  
Chega á clareira, e no solo  
As marcas dos pés se somem.

A terra no meio é lisa  
Como a cylindro apertada :  
E' ahi que vem findar se  
Outra serie de pegadas.

Os signaes conhece o velho;  
Leva as mãos á frente e cai...

.....  
No dia seguinte, Mario  
Beija a mão de um novo pai.

A. C.

Porto Alegre — 1881.

## ELOGIO DA VAIDADE



Logo que a Modestia acabou de fallar, com o  
olhos no chão, a Vaidade impertigou-se e disse

## I

— Damas e cavalheiros, acabais de ouvir  
mais chocha de todas as virtudes, a mais pecca  
a mais esteril, de quantas podem reger o coração  
dos homens; e ides ouvir a mais sublime dellas  
a mais fecunda, a mais sensível, a que pode dar  
maior copia de venturas sem contraste.

Eu sou a Vaidade, classificada entre os vicio  
por alguns rhetoricos de profissão; mas na reali  
dade a primeira das virtudes.

Não olheis para este gorro de guizos, ne  
para estes punhos carregados de braceletes, ne  
para as cores variegadas com que me adorno.

Não olheis, digo eu, se tendes o preconceit  
da Modestia; mas se o não tendes, reparai he  
em que estes guizos e tudo mais, longe de se  
uma casca illusoria e vã, são a mesma polpa d  
fructo da sabedoria; e reparai mais em que vo  
chamo a todos, sem os biocos e meneios daquell  
senhora, minha mana e minha rival.

Digo-o a todos, porque a todos cobico, o  
sejais formosos como Páris, ou feios como The  
sytes; gordos como Sancho Pança, magros com  
D. Quixote, varões e mulheres, grandes e pequ  
nos, verdes e maduros, todos os que compõe  
este mundo, e haveis de compor o outro; a todo  
fallo, como a gallinha falla aos seus pintinhos  
quando os conyoca á refeição, a saber, com inte  
resse, com graça, com amor.

Porque nenhum, ou raro, poderá affirmar qu  
eu o não tenha alçado ou consolado.

## II

Onde é que eu não entro?

Onde é que eu não mando alguma coisa?

Vou do salão do rico ao albergue do pobre, do palácio ao cortiço, da seda fina e roçagante ao algodão escasso e grosseiro.

Faço excepções, é certo (infelizmente!); mas, um geral, tu, que és rico, busca-me no encosto da tua ottomana, entre as porcellanas da tua baixella, na portinhola da tua carroagem; que digo? busca-me em ti mesmo, nas tuas botas, na tua casaca, no teu bigode, busca-me no teu proprio coração.

Tu, que não possues nada, perscruta bem as dobras da tua estamena, os recessos da tua velha arco; lá me acharás entre dois vermes famintos; ou ali, ou no fundo dos teus sapatos sem graxa, ou entre os fios da tua grenha sem oleo.

Valeria a pena ter, se eu não realçasse os teus?

Foi para escondel-os ou para mostral-os que encomendastes á melhor fabrica o tecido que te veste, a saphyra que te adorna, a carruagem que te leva?

Foi para escondel-os ou para mostral-os, que arbecaste esse festim babilónico, e pediste ao pomar os melhores fructos, e ao Rheno e ao Douro os melhores vinhos?

E tu que vida tens, porque applicas o salario de uma semana ao jantar de uma hora, se não porque eu te possuo e te digo que alguma coisa deves parecer melhor do que és na realidade?

Porque levas ao teu casamento um coche tão rico e tão caro como o do teu opulento visinho, quando podias ir á igreja por teus pés?

Porque compras essa joia e esse chapéo?

Porque talhas o teu vestido pelo padrão mais rebuscado, e porque te remiras ao espelho com amor, senão porque eu te consolo da tua miseria e do teu nada, dando-te a troco de um sacrificio grande um beneficio ainda maior?

## III

Quem é esse que ahí vem com os olhos no eterno azul?

É um poeta; vem compondo alguma coisa; segue o voo caprichoso da estrophe.

Deus te salve, Pyndaro!

Estremeceu, moveu a fronte, desabrochou em riso.

Que é da inspiração? Fugio-lhe; a estrophe perdeu-se entre as moitas; a rima esvaio se-lhe por entre os dedos da memoria.

Não importa; fiquei eu com elle, — eu a musa decima, e, portanto, o conjuncto de todas as musas, pela regra dos doutores de Sgnarello.

Que ar beatifico! que satisfação sem mescla!

Quem dirá a esse homem que uma guerra ameaça levar um milhão de outros homens?

Quem dirá que a secca devora uma porção do paiz?

Nesta occasião elle nada sabe, nada ouve.

Ouve-me, ouve-se; eis tudo.

Um homem calumniou-o ha tempos; mas agora, ao voltar a esquina, dizem-lhe que o calumniador o elogiou.

— Não me falles nesse maroto.

— Elogiou-te; disse que és um poeta enorme.

— Outros o tem dito, mas são homens de bem e sinceros. Será elle sincero?

— Confessa que não conhece poeta maior.

— Peralta! Naturalmente arrependeu-se da injustiça que me fez. Poeta enorme disse elle?

— O maior de todos.

— Não creio. O maior?

— O maior.

— Não contestarei nunca os seus meritos; não sou como elle que me calumniou, isto é, não sei, disseram-no. Diz-se tanta mentira! Tem gosto o maroto; é um pouco estouvado ás vezes, mas tem gosto. Não contestarei nunca os seus meritos. Haverá peor coisa do que mesclar o odio ás opiniões? Que eu não lhe tenho odio. Oh! nenhum odio. E' estouvado, mas imparcial.

Uma semana depois, vel-o-heis de braço com o outro, á mesa do café, á mesa do jogo, alegres, intimos, perdoados.

E quem embotou esse odio velho senão eu?

Quem verteu o balsamo do esquecimento nesses dois corações irreconciliaveis?

Eu a calumniada amiga do genero humano.

Dizem que o meu abraço doe.

Calumnia, amados ouvintes!

Não escureço a verdade; ás vezes ha no mel uma pontasinha de fel; mas como eu dissolvo tudo!

Chamai áquelle mesmo poeta, não Pyndaro, mas Trissotin.

Vel-o-eis derrubar o carão, estremecer, rugir, morder-se, como os zoilos de Bocage.

Desgosto, convenho, mas desgosto curto.

Elle irá d'ali remirar-se nos proprios livros. A justiça que um atrevido lhe negou, não lh'a negaraõ as paginas delle.

Oh! a mãe que gerou o filho, que o amamenta

e alenta, que põe nessa fragil creaturinha o mais puro de todos os amores, essa mãe é Medéa, se a compararmos áquelle engenho que se consola da injuria, relendo-se, porque se o amor da mãe é a mais elevada forma do altruismo, o delle é a mais profunda forma de egoismo, e só ha uma cousa mais forte que o amor materno, é o amor de si proprio.

## IV

Vede est'outro que palestra com um homem publico.

Palestra disse eu ?

Não; é o outro que falla; elle nem falla, nem ouve.

Os olhos entornão-se-lhe em roda, aos que paixão, a espreitar se o vêem, se o admirão, se o invejão.

Não corteja as palavras do outro, não lhe abre sequer as portas da attenção respeitosa: ao contrario, parece ouvil-as com familiaridade, com indiferença, quasi com enfado.

Tu que passas, dizes comtigo :

— São intimos: o homem publico é familiar deste cidadão, talvez parente.

Quem lhe faz obter esse teu juizo, senão eu ?

Como eu vivo da opinião e para a opinião, dou áquelle meu alumno as vantagens que resultão de uma boa opinião; isto é, dou-lhe tudo.

Agora, contempla aquelle que tão apressadamente offerece o braço a uma senhora.

Ella aceita-lh'o; quer seguir até a carruagem e ha muita gente na rua.

Se a Modestia animara o braço do cavalheiro, elle cumprira o seu dever de cortezania, com uma parcimonia de palavras, uma moderação de maneiras assaz miseraveis.

Mas quem lh'o anima sou eu, e é por isso que elle cuida menos de guiar a dama, do que de ser visto dos outros olhos.

Porque não ?

Ella é bonita, graciosa, elegante; a firmeza com que assenta o pé é verdadeiramente senhoril.

Vêde como elle se inclina e bamboleia !

Rio-se ?

Não vos illudais com aquelle riso familiar, amplo, domestico; ella disse apenas que o calor é grande.

Mas é tão bom rir para os outros ! é tão bom fazer suppor uma intimidade elegante !

Deverieis crer que me é vedada a sachristia De certo; e comtudo acho meio de la penetrar uma ou outra vez, ás escondidas, até as me rosas daquella grave dignidade, a ponto de l fazer esquecer as glorias do céo pelas vanglori da terra.

AREIMOR.

(Continúa).

## MARINA

A EDUARDO MOREIRA MARQUES

Marina, a flor mais mimosa  
Das longas varzeas sem fim,  
Tinha o perfume da rosa  
E a pallidez do jasmim...  
Aquelle mimo dos céos  
Era um sorriso de Deus !

Um dia a brisa do val  
Um nome trouxe d'alem...  
E o tredo archanjo do mal  
Velou a face do Bem...  
Marina abriu com ardor  
As urnas de seu amor...

Nas avenidas do Prado .  
Os carros quebrão a arêa...  
Faz-se um silencio sagrado  
Em toda a extensa aléa :  
Do fundo de uma victoria  
Marina alcança esta gloria.

Aqui... são tantos os leitos  
— Alvos sepulchros da vida —  
São tantas vidas sem peitos...  
São tantos peitos sem vida...  
No perystilo, é verdade,  
Um distico ha : — CARIDADE !

Como as pet'as arrancadas  
Da flor que o tufão pendeu,  
Do infortunio ás lufadas  
A pobresinha cedeu !  
Sem prantos e sem surdina  
A' Deus s' elevou Marina !

J. PAULINO DE AZURENHA.

Porto Alegre—1881.